

Corpo-velho: reflexões sobre o envelhecimento feminino em narrativas orais da Matintaperera

Old body: reflections on female aging in the oral narratives of Matintaperera

Andressa de Jesus Araújo Ramos³
<http://orcid.org/0000-0002-1113-443X>

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões⁴
<http://orcid.org/0000-0001-7678-2895>

Rafaella Contente Pereira da Costa⁵
<http://orcid.org/0000-0001-6692-7763>

Rubenil da Silva Oliveira⁶
<http://orcid.org/0000-0001-9846-4695>

Resumo: De acordo com Lesnoff-Caravaglia (1984), o cenário atual ensina e conserva a depreciação da mulher idosa, iniciando com a representação da mulher velha nas histórias tradicionais como bruxas, feias e malvadas. A anciã é, conforme Salgado (2002), universalmente ofendida e enxergada como uma carga. É parcela de uma maioria invisível cujas dificuldades emocionais, econômicas e físicas continuam, em sua maioria, ignoradas.

³ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA), vinculada à linha de pesquisa Literatura, memória e identidade. E-mail: adjaramos@gmail.com

⁴ Doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, PA. Coordenadora do Programa de Estudos Geo-BioCulturais da Amazônia –Campus Flutuante, da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: galvao@ufpa.br

⁵ Doutora em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA). Professora da Universidade Rural da Amazônia (UFRA) e vice-coordenadora do projeto de pesquisa e extensão Poéticas Orais e Pensamento Decolonial (LANMO/UNAM) E-mail: rafaellacontente@gmail.com

⁶ Doutor em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA). Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa (UFMA). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB). Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, enunciação e cultura (LECULT). E-mail: rubenoliveira50@hotmail.com/
rubenil.oliveira@ufma.br



Contudo, os resultados de nossa pesquisa no acervo do “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” (IFNOPAP) apontam para uma nova tradução do envelhecimento feminino, através das narrativas oraís da Matintaperera, que não vem carregada de imagens negativas, preconceituosas e nem estereotipadas, pois trazem histórias de mulheres velhas que continuam se divertindo, cantando, dançando, desejando e sendo desejadas, não estão isoladas da sociedade e nem habitam em cavernas, mas que buscam e valorizam o contato com *o outro*. Em vista disso, este trabalho reflete sobre o envelhecimento feminino em narrativas da Matintaperera. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, cuja metodologia consistiu em: a) revisão da literatura; b) o estudo da velhice; c) o exame das narrativas oraís da Matintaperera; d) seleção de dois contos da Matinta; e) análise literária das narrativas escolhidas.

Palavras-Chaves: Corpo-velho; Velhice; Feminino; Narrativas Oraís; Matintaperera.

Abstract: According to Lesnoff-Caravaglia (1984), the current scenario educates and conserves the depreciation of the elderly woman, beginning with her representation in traditional stories as witches, ugly, and wicked. According to Salgado (2002), the elderly woman is universally reviled and considered a burden. She is part of an invisible majority whose emotional, financial, and physical difficulties are mostly ignored. However, the findings of our research in the collection "The Imaginary in Popular Oral Narrative Forms of the Paraense Amazon (IFNOPAP)" point to a new translation of female aging via Matintaperera's oral narratives, one that is not laden with negative, prejudiced views and stereotypes because they bring stories of old women who continue to have fun, singing, dancing, wishing and being desired. Women who are not isolated from society and do not live in caves but seek and value contact with others. As a result, this research focuses on female aging in Matintaperera narratives. It is a bibliographic study with a qualitative approach, which employs the following methodology: a) literature review; b) study of old age; c) examination of Matintaperera's oral narratives; d) selection of two Matinta tales; and e) literary analysis of the chosen narratives.

Keywords: Old body; Old age; Female; Oral narratives; Matintaperera.

Introdução

A professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Mirian Goldenberg em sua obra *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade* (2008) salienta que na cultura brasileira atual, certo padrão de corpo é um bem, talvez o mais cobiçado pelos sujeitos das classes médias urbanas e também das classes mais humildes, que o percebem como um importante meio de ascensão social. Nesse sentido, o corpo é um capital, que além de físico é simbólico, econômico e social. Desde que seja um físico “[...] sexy, jovem, magro e em boa forma” (GOLDENBERG, 2008, p. 15).

A apologia à forma perfeita foi, nas palavras de Goldenberg (2008), uma das mais terríveis fontes de insatisfação feminina no século XX. A compulsão pelo emagrecimento virou, efetivamente, uma epidemia. E, a procura pelo corpo pleno foi entendida como uma regressão no processo de emancipação da mulher.

Dados da época comprovam, conforme Goldenberg (2008), que a brasileira se tornou campeã na tentativa de ter um corpo impecável. A revista *Time* destacou esse fato, trazendo na capa a imagem da apresentadora, cantora e dançarina brasileira Carla Perez, acompanhada



da seguinte legenda: “A mania pela cirurgia plástica: as mulheres latino-americanas estão esculpindo seus corpos como nunca antes - nos moldes da Califórnia. Seria isso um imperialismo cultural?” (GOLDENBERG, 2008, p. 52, tradução nossa)⁷. Segundo o cirurgião plástico Pedro Nery Bersan que publicou uma notícia no *Jornal do Estado de Minas*, em 2019, o Brasil ocupa o 2º lugar no *ranking* mundial de Cirurgia Plástica, ficando atrás somente dos Estados Unidos. O recente estudo da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética (Isaps) demonstrou que os brasileiros efetuaram cerca de 2,5 milhões de procedimentos em 2017, correspondendo a 10,4% das cirurgias estéticas mundiais.

Desse modo, em uma cultura em que o corpo é um capital no mercado do casamento, no mercado sexual e no mercado profissional, o físico gordo, envelhecido ou fora de forma é, como ressalta Goldenberg (2008), rejeitado por muitos e, principalmente, pelas mulheres brasileiras que apresentam um verdadeiro pavor de envelhecer. Isso acontece, na verdade, porque ela foi destinada a ser, na visão do homem, um objeto sexual e a partir do momento, no qual se torna envelhecida e feia perde o seu espaço, o qual foi determinado pela sociedade, tornando-se assim “[...] um *monstrum* que suscita repulsa e até mesmo medo” (BEAUVOIR, 2018, p. 129, grifo da autora). Para o poeta lírico e satírico romano Horácio:

A aparecia da mulher idosa é hedionda: “Teu dente é preto. Uma antiga velhice cava rugas em tua fonte...teus seios são flácidos como as mamas de uma jumenta”. Ela cheira mal: “Que suor, que horrível perfume se desprende, por todo lado, dos seus membros flácidos” (BEAUVOIR, 2018, p. 128-129).

Contudo, os resultados de nossas investigações no acervo do IFNOPAP revelaram uma nova tradução⁸ da velhice feminina, que não vem carregada de preconceitos e nem de estereótipos, mas de novidade, contemporaneidade e liberdade, uma vez que as mulheres velhas⁹ descritas nos contos analisados não são assustadoras, nem usam roupas rasgadas e nem realizam o mal, como nas narrativas tradicionais. Mas são mulheres comuns, capazes de se apaixonar, de encantar as pessoas, sentir desejos e não vivem isoladas em casa ou em cavernas, além de apreciarem o contato com o Outro.

Em vista disso, o objetivo geral deste trabalho foi refletir sobre o envelhecimento feminino em narrativas da Matintaperera, recolhidas pelo IFNOPAP. Para tanto nos amparamos nos estudos de Beauvoir (2018), Mucida (2018), Goldenberg (2008), (2017), Zimmerman (2007), Vieira (2007), Viana (2013), Salgado (2002), entre outros. A metodologia consistiu, primeiramente, em uma revisão da literatura, depois um estudo sobre a velhice e/ou envelhecimento, em seguida, o exame das narrativas orais da Matintaperera, após isso, selecionamos quatro contos da Matinta e, por fim, a análise literária das narrativas escolhidas.

Este artigo, além desta Introdução e das Considerações Finais, apresenta duas seções. A primeira, intitula-se “**Velhas, bruxas e Matintas: reflexões sobre o envelhecimento feminino**” reflete sobre a associação entre a mulher velha e a bruxa, para isso, fizemos um resgate histórico da representação feminina, na fase de transição do mundo medieval ao mundo moderno. Além disso, nessa seção também apresentamos a associação que é feita entre a velha e o mito da Matintaperera. A segunda seção, por sua vez, designada “**A velhice**

7 “The plastic surgery craze: latin american women are sculpting their bodies as never before - along California lines. Is this cultural imperialism?” (GOLDENBERG, 2008, p. 52, tradução nossa).

8 Neste estudo entendo a tradução não como um trabalho entre línguas distintas ou iguais, mas como um ato interpretativo, que produz transformação, baseado em um jogo de diferenças, isto é, como os narradores do IFNOPAP compreendem a figura da Matintaperera. Para tanto, pautamo-nos no pensamento do espanhol Jorge Larrosa em sua obra *La Experiencia de la Lectura: estudios sobre literatura y formación* (1996).

9 Neste artigo empregamos a palavra “velha”, pois acreditamos, assim como Zimmerman (2007), que o termo não carrega nada de pejorativo. Pelo contrário: pejorativo é substituir o nome velha por eufemismo, como se a velha fosse uma irregularidade ao ser escondida. Na realidade, o que precisa ser mudado não é a maneira de se chamá-la, mas sim o jeito de tratá-la.

no imaginário nas formas narrativas orais populares da amazônia paraense” apresenta a análise literária de dois contos da Matinta, recolhidos pelo IFNOPAP.

Velhas, bruxas e matintas: reflexões sobre o envelhecimento feminino

Beauvoir (2018) acentua que tanto na Antiguidade quanto no folclore, a mulher velha foi constantemente associada a uma feiticeira. François Rabelais retrata a sibila de Panzoust com características de uma anciã em condição deplorável, visto que estava “[...] malvestida, malnutrida, desdentada, remelosa, curvada, nariz escorrendo” (BEAUVOIR, 2018, p. 158). Essa aproximação entre a mulher velha e a bruxa foi construída no passado e vem carregada, de acordo com Vieira (2007), de preconceitos e estereótipos.

A bruxa é imaginada como sendo uma “[...] mulher, velha, cansada, solteira, de cabelos brancos, com uma verruga no nariz e possuidora de uma risada assombrosa” (VIEIRA, 2007, p. 01). Essa representação negativa da bruxa pode ser confirmada no Dicionário, que a define como uma “[...] mulher muito feia e/ou azeda e mal-humorada” (HOUAISS, 2009, p. 333). Neste sentido, os livros infanto-juvenis costumam narrar histórias onde existe uma fada boa e formosa, às vezes loira, e uma bruxa má e monstruosa.

Como vimos, a bruxa é descrita, na maioria das histórias tradicionais, como uma velha de aparência assustadora e que realiza o mal. Porém também encontramos narrativas, nas quais ela é vista como alguém está sempre doente, que apresenta “[...] alguma deficiência física, idosa, mentalmente perturbada” (VIEIRA, 2007, p. 01-02).

As bruxas, no fim da Idade Média e início da Idade Moderna foram perseguidas pela Igreja Católica porque, de acordo com Viana (2013), efetivaram um pacto com o Belzebu, através do qual desprezavam o catolicismo. Esse movimento de perseguição religiosa e social ficou conhecido como a “Caça às bruxas” que durou “[...] aproximadamente três séculos, começando em 1450 e terminando em 1750 com a ascensão do Iluminismo” (VIEIRA, 2007, p. 02). Na realidade, as bruxas não apareceram automaticamente, mas foram

[...] fruto de uma campanha de terror realizada pela classe dominante. Poucas dessas mulheres realmente pertenciam à bruxaria, porém, criou-se uma histeria generalizada na população, de forma que muitas das mulheres acusadas passavam a acreditar que eram mesmo bruxas e que possuíam um “pacto com o demônio”. (VIEIRA, 2007, p. 02).

No livro *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Bruxas ou O Martelo das feiticeiras), Heinrich Kraemer e James Sprenger explicavam que as bruxas se aliavam, conforme Viana (2013), aos diabos em *sabats*, orgias e ritos de profanação aos sinais do cristianismo. Seres diabólicos eram convocados em preces que combinavam frases cristãs com vocábulos e sinais hereges. Os inquisidores do século XV revelam que as bruxas deliberavam seus sacrilégios através de contrato explícito de lealdade, concebido no coito carnal com os diabos. O voto sacrilégio poderia ser realizado em ritual público ou em qualquer hora em segredo. Em troca de sua alma, as bruxas ganharam poderes que eram usados para causar problemas temporais.

Para Kramer e Sprenger todas as bruxas entregavam-se, segundo Viana (2013), de corpo e alma à prática do mal. As aparentes bruxas eram reconhecidas por um grupo de aspectos físicos e comportamentais e incriminada de entregarem-se, constantemente, a todo tipo de atos libidinosos com incubo e súcubos. As crianças cujas mães, por justificação de algum distúrbio passional ou mental, ofertavam o filho, cegamente, desde o ventre, ao Demônio, eram a todo momento, até a sua morte, propensas à perpetração da bruxaria. Normalmente, todas as crianças não batizadas estavam em perigo, pois as bruxas as consumiam ou ofereciam a Lúcifer.

Kramer e Sprenger confessavam que as bruxas exterminavam, nos estudos de Viana (2013), os animais e arruinavam as plantações. Eram capazes de seduzir animais e homens unicamente com um sinal de mãos ou com o olhar. Elas também recorriam a feitiços ou amuletos, que eram guardados sempre em locais discretos ou secretos. Acreditava-se que, através delas, os demônios seriam capazes de produzir raios, tempestades comuns e de pedras; levar a infertilidade aos animais e aos seus donos; intoxicar rios e poços; exterminar lavouras com a utilização de lagartas daninhas ou grandes nuvens de gafanhotos. As bruxas tinham poder de se metamorfosear em animais, como cachorro, gato, lobo e serpente, e de transformar homens em feras. Para Kramer e Sprenger, todas as doenças do corpo, até mesmo a lepra ou a epilepsia, poderiam ser, nas palavras de Viana (2013), promovidas pelas bruxas. Elas também usavam ervas que deixavam os homens alegres, tristes, tontos ou loucos. Com ajuda diabólica, elas podiam, pois, afetar os sujeitos de todas as formas possíveis, desgraçando-os em suas profissões, em sua reputação, em seu corpo, em seu intelecto e em suas vidas.

Vieira (2007) destaca que quando revivemos o contexto histórico da Idade Média, vemos que bruxas poderiam ser as parteiras, as enfermeiras e as suas auxiliares. Dominavam e compreendiam o uso de plantas medicinais para a cura de enfermidades e epidemias nas comunidades em que moravam e, regularmente, possuíam um alto poder social. Elas eram, constantemente, a única esperança de atendimento médico para mulheres e indivíduos carentes financeiramente. Elas foram, por um longo tempo, médicas sem título. Aprendiam o ofício umas com as outras nas noites das igrejas e repassavam esse conhecimento para suas descendentes, vizinhas e confidentes. O semiólogo, antropólogo e filósofo colombiano Jesús Martín-Barbero ressalta que:

Eram as mulheres que presidiam as vigílias, as reuniões das comunidades aldeãs ao cair da tarde, nas quais se conservaram alguns modos tradicionais de transmissão cultural. Vigílias em que, junto ao relato de contos de terror e de bandidos, faz-se a crônica dos sucessos das aldeias, transmite-se uma moral de provérbios e partilham-se receitas medicinais que reúnem um saber sobre as plantas e o ciclo dos astros. A bruxa representa, junto com os levantes, segundo Michelet, um dos modos de expressão fundamentais da consciência popular (MARTÍN-BARBERO *apud* VIEIRA, 2007, p. 02).

Na verdade, essas mulheres concebidas como bruxas não estavam, segundo Vieira (2007), utilizando poderes sobrenaturais para produzir suas poções, o que muitos assistiam como a prática de bruxaria eram na realidade, os inícios do que atualmente conhecemos como aromaterapia, fitoterapia e farmacologia doméstica. Aliás quem de nós nunca foi curado de uma gripe com um chazinho feito pela nossa avó? Para essas senhoras, a produção de tais “poções” não era um simples modo de colocar todos os elementos juntos, acompanhar as instruções e aguardar o resultado. Essas senhoras estavam, mesmo que inconscientemente, experimentando suas “poções”, elas possuíam oportunidades para pensar/estudar e obter conhecimento com seus erros e acertos. Em uma visão patriarcal, era muita informação para uma mulher. Além dessa possível intimidação ao domínio da ordem simbólica, a ocorrência dessas mulheres utilizarem seus saberes para a eliminação de epidemias que por acaso sucediam em seus vilarejos, desencadeou a “[...] ira da instituição médica masculina em ascensão, que viu na Inquisição uma maneira de eliminar suas concorrentes” (VIEIRA, 2007, p. 02). Lamentavelmente, muito sobre medicina natural que hoje poderia salvar vidas foi exterminado quando “[...] essas mulheres foram queimadas nas fogueiras ou enforcadas. Percebo que não somente os corpos foram ali queimados, mas também seus manuscritos, ervas, poções, e seus conhecimentos anotados” (VIEIRA, 2007, p. 02).

Carvalho (2013) salienta que Russel e Alexander asseguram que bruxas existem, e que nos dias de hoje a bruxaria é reconhecida como religião. Portanto devemos denunciar uma

imagem formada pela Inquisição e repassada através do tempo no imaginário, além disso a estudiosa salienta que precisamos deixar claro que há alguns grupos com particularidades normalmente alusivas à bruxaria, mas que não são: o curandeiro que realiza magia com o intuito de derrotar bruxaria, a possessão que é a carga interna de maus espíritos, e a obsessão que é o repente externo e físico por maus espíritos.

Em resumo, a transformação da feitiçaria em algo ruim foi, no entendimento de Carvalho (2013), um profundo processo de mudança da sociedade e da religião pagã, mesmo que de forma gradativa ocorreu em toda a Europa Ocidental. Santo Agostinho, como grande líder cristão afirmava que “[...] a magia, a religião e a feitiçaria pagãs eram obras inventadas pelo diabo e ao referenciar deuses pagãos, ciente ou não do feito estavam na verdade invocando demônios” (CARVALHO, 2013, p.173). Essa justificativa utilizada pelo Santo e pela Igreja converteu não católicos em efetivos monstros confiantes da recém-nascida divindade, que corria perigos diante da ameaça cruel, por isso deveria ser destruída para “[...] não atrapalhar a salvação do mundo, pois a prática de feitiçaria era um crime contra a sociedade e contra Deus. (CARVALHO, 2013, p.173).

Josebel Akel Fares (1997) acentua que os termos Bruxas e Feiticeiras aparecem, em alguns autores, com significados distintos e estes, essencialmente, coabitam na indissociabilidade da natureza, ou não, dos artifícios mágicos. Na visão de alguns estudiosos, a feitiçaria é:

[...] uma prática aprendida, não é inata. As feiticeiras estudam o uso dos elementos animais, minerais e vegetais para elaborar seus fluidos, unguentos, chás que receitam para aqueles que as procuram, não importam se os remédios curam feridas ou abrem chagas (FARES, 1997, p. 138).

Por outro lado, as Bruxas, na concepção de alguns autores, estudados por Fares (1997) possuem, igualmente, a faculdade de elaborar receitas mágicas, entretanto este dom é inato, isto é, nasce com elas. Neste estudo, assim como Fares (1997), consideramos os vocábulos (bruxas e feiticeiras) como sinônimos, pois ambas se descobrem e mudam de trajetória, e aqui são pensadas como sujeitos que “[...] desenvolvem práticas mágicas, seja para ajudar espíritos demoníacos incorporados, seja por dom hereditário, seja por estudiosos e experimentações” (FARES, 1997, p. 138 – 139).

Como observamos, a mulher velha foi historicamente e culturalmente comparada a uma bruxa europeia, descrita como “[...] enrugada, vesga, às vezes, desdentada ou com alguns cacos negros espalhados pela boca babosa, verruga peluda no queixo protuberante ou na ponta do enorme nariz adunco” (SOUZA, 1995, p. 14). Além desse aspecto amedrontador, a anciã também foi constantemente associada a alguém que está com uma doença muito grave, podendo morrer a qualquer momento. Essa associação entre a velha e a bruxa faz com que tanto a mulher como a velhice sejam vistas de forma negativa e estereotipada. No caso da mulher isso acontece porque no patriarcado, sob dominação masculina, o corpo feminino foi limitado, segundo Cesidio e Boris (2007) a ser um objeto sexual, uma vez que seu corpo era sujeitado ao prazer e ao desejo do homem. No caso da velhice isso ocorre porque não fomos ensinados a conceber a senescência como um processo natural, pois vivemos em

[...] uma cultura em que os jovens e adultos procuram ignorar a realidade do envelhecimento gradual de cada um. Com o progresso moderno, diminuímos o valor do envelhecer, não consideramos o idoso como detentor de extensos e sólidos conhecimentos, talentos e experiências que podem auxiliar as gerações futuras. (GUIMARÃES, 2007, p. 14).

Sobre a aproximação entre as mulheres velhas e as bruxas podemos mencionar o mito da Matintaperera¹⁰. Essa lenda conta a história de uma anciã que se metamorfoseia em pássaro durante a noite. A maioria das narrativas clássicas dessa personagem apresentam uma visão distorcida, negativa e preconceituosa dessa entidade e, sobretudo, da velhice feminina que a coloca como sendo uma mulher de aparência assustadora, debilitada e doente, que realiza o mal devorando as crianças e trazendo epidemias e enfermidades as comunidades locais.

Figura1 - Imagem do rosto da Matintaperera com tratamento digital



Fonte: (COSTA, 2013, p. 91)

Na cultura indígena, a Matintaperera é concebida, de acordo com Carvalho (2014), como uma perigosa feiticeira, ou melhor, como uma bruxa velha que, na juventude, cometeu graves pecados e, por conta disso, precisa cumprir o fado. Cumprir o fado significa efetivar o destino que foi estabelecido por intermédio de uma força sobrenatural. Os indivíduos que cumprem um fado, nas palavras de Carvalho (2014), são julgados como sujeitos que efetivaram “[...] um pacto com o demônio em troca de alguma vantagem ou vinganças pessoais, recebendo por isso uma punição, como a de se transformarem em animais durante a noite” (CARVALHO, 2014, p. 225). Câmara Cascudo, por sua vez, defende que a Matinta é o nome de

[...] uma pequena coruja, que se considera agourenta. Quando, a horas mortas da noite, ouvem cantar a mati-taperê, quem a ouve e está dentro de casa, diz logo: Matinta, amanhã podes vir buscar tabaco. “Desgraçado – deixou escrito Max. J. Roberto, profundo conhecedor das coisas indígenas – quem na manhã seguinte chega primeiro àquela casa, porque será ele considerado como o mati. A razão é que, segundo a crença indígena, os feiticeiros e pajés se transformavam neste pássaro para se transportarem de um lugar para o outro e exercer suas vinganças. Outros acreditam que o mati é uma maaiua, e então o que vai à noite gritando agoureiramente é um velho ou uma velha de uma só perna, que anda aos pulos” (CASCUDO, 2012, p. 442).

¹⁰ Nos estudos sobre a Matintaperera existem distintas grafias para a personagem estudada, tais como, “Matinta perera”, “Matinta pereira” e “Matintaperera”. Para este trabalho adotamos a escrita da palavra “Matintaperera” de Silva Junior (2014), pois acreditamos que seus objetivos de pesquisa se aproximam dos nossos.

Contudo, os resultados de nossas investigações das narrativas orais da Matintaperera, recolhidas pelo IFNOPAP revelaram uma nova tradução da velhice feminina, que não vem carregada de preconceitos e nem de estereótipos, mas de novidade, contemporaneidade e liberdade. Nesse sentido, na próxima seção apresentamos a análise de dois contos da Matintaperera, ambos recolhidos pelo IFNOPAP, retiradas da coletânea de textos *Abaetetuba conta...*, que refletem *sobre* a representação da velhice feminina.

A velhice no Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense

“[...] tornavam a contar que essa velha era Matintaperera (SIMÕES; GOLDER, 1995c, p. 20).

Começamos, pois, esta seção de análise literária com fragmento do conto “Fiu! Fiu!”, narrado por Manoel da Fonseca e recolhido pelo Projeto IFNOPAP, que revela história de Dona Laura, uma mulher de 70 anos que se transformava em Matintaperera, visto que “[...] Lá, tinha uma **velha** chamada Laura, uma **velha**, uma **velha**, assim, de uns 70 anos, sabe? E essa **velha**, tornavam a contar que essa **velha** era Matintaperera” (SIMÕES E GOLDER, 1995c, p. 20, *grifo nosso*). Percebeu-se, neste trecho de narrativa, que a palavra velha comparece cinco vezes, confirmando assim a intensa relação entre a personagem e a senescência.

A velhice retratada na maioria das histórias tradicionais da Matintaperera é caracterizada, geralmente, pela presença acentuada de adjetivos negativos, que contribuem para uma visão preconceituosa e estigmatizada do envelhecimento feminino. Consoante Ribeiro (2007), Aristóteles concebia a senescência como uma quarta idade, determinada pela senilidade¹¹, degeneração e doença, colocando a senectude nos 50 anos de idade. Hipócrates relacionou a senioridade ao “Inverno” aos 56 anos. Sêneca (4-65 D.C.) também considerou a velhice numa visão negativa, como uma enfermidade incurável.

Ribeiro (2007) salienta ainda que na Idade Renascentista e na Idade Média, a compreensão negativa do envelhecimento continuou a manifestar-se: a mulher velha era concebida como bruxa e cúmplice de agentes demoníacos, e os velhos no coletivo, eram enxergados como submissos e escravos dos mais fortes. Nesta época, Santos (2008) evidencia que se destacava, especialmente a juventude e a formosura das mulheres juvenis.

Contudo, veremos nesta seção uma nova tradução do envelhecimento feminino, através das narrativas orais da Matintaperera, recolhidas pelo IFNOPAP, que revelam histórias de mulheres comuns, que envelheceram, mas que continuam passeando, se divertindo, cantando, dançando, se apaixonando, amando, desejando e sendo desejadas, não estão isoladas e nem escondidas em cavernas, mas que buscam e valorizam o contato com o outro (alteridade).

Voltando ao conto “Fiu! Fiu!”, o narrador conta que, certo dia, Dona Laura ficou doente de uma febre muito forte que levou muitos sujeitos a óbito e como era costume dos mais velhos socorrer quem estivesse enfermo, Raimundo terminou de fazer a farinha no final da tarde, umas seis e meia e decidiu ir do trabalho direto à casa da velha Laura para prestar socorro. Porém, no meio do caminho algo inusitado aconteceu, ela pulou: “[...] Pah! E suspendeu a bunda pra cima e a saia, e acendeu a bunda pro lado dele e fez assim: -Fiu, Matintaperera! Aí, ela se endireitou e disse: - Agora vai contar, ouviste?” (SIMÕES E

¹¹ A senilidade refere-se, de acordo com Mucida (2018), às patologias do envelhecimento.

GOLDER, 1995c, p. 21). Neste conto, observamos que Raimundo se surpreende com uma idosa cheia de energia, vitalidade e muita sensualidade. A velha demonstrou ainda não se preocupar com o julgamento da sociedade em relação ao seu corpo envelhecido, dado que quando viu Raimundo não escondeu seu corpo e nem o rejeitou, mas o aceitou e o exibiu, provando a ele e a todos que o seu corpo-velho não é feio, o que é ridículo é o preconceito em relação a ele. Nesta narrativa, também é possível fazermos uma reflexão em torno da sexualidade feminina na velhice, uma vez que foi estabelecido um protótipo que a velha é um sujeito assexuado e isso é uma crença que não se sustenta.

Carmen Salgado (2002) salienta que a cultura hispano-americana, especialmente, assimila a sexualidade da mulher velha como fonte de risibilidade, apresentando-se como cômica e inapropriada. Esse preconceito acontece, em geral, ao igualar equivocadamente a sexualidade feminina a sua potencialidade reprodutiva. Essa discriminação para com a anciã está profundamente associada ao “[...] sexismo e é a extensão lógica da insistência de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis ao homem” (SALGADO, 2002, p.12). Dentro desta situação, isto é, na persistência das mulheres de serem atraentes a aproximação delas com a velhice resulta aterrorizante e assustadora e terrível, pois elas têm sido “[...] socializadas e treinadas para temer a velhice. Negando o próprio processo de envelhecimento” (SALGADO, 2002, p.12).

Porém, Araújo e Carlos (2018) destacam que a sexualidade não se restringe ao ato sexual em si, mas sim em uma combinação de prazer, cumplicidade e amor entre dois indivíduos, como modo de percepção de seu corpo e do *outro*. Dependendo da maneira como a velhice é concebida e das transformações que ela pode sofrer em inúmeros aspectos da vida, o sexo nesse estágio pode sim promover liberdade e garantir o prazer. E, para isso é necessário que a velha use sua criatividade para alcançar novas maneiras de satisfação.

O conto, intitulado “Fióte!”, narrado por Joana d’Arc nos revela a história de uma velha, que surgiu no meio do trajeto da viagem de um grupo de músicos a bordo de uma canoa, pedindo carona, os quais atenderam o seu pedido. Depois de colocarem a idosa na canoa, eles saíram, foram remando, remando e de repente, “Ela virou a bunda pra cima e deu um assobio. – Fióte! Matintaperera. Ela fez” (SIMÕES E GOLDER, 1995c, p. 175). Como podemos observar nesta narrativa, a mulher velha não está isolada da sociedade e nem do mundo e muito menos está deitada em casa deprimida, esperando a morte chegar, mas está querendo, assim como todo mundo, passear, viajar, se divertir, caminhar, estar entre os velhos, mas também entre os jovens, entre os músicos. A mulher velha, nesta narrativa, quer andar de canoa, participar de eventos, apresentações, shows, amar e ser amada, desejar e ser desejada, dar e receber carinhos. Desse modo, este conto nos revela que a mulher na velhice não deixou de ter os mesmos sentimentos da juventude e nem é inútil porque deixou de ter filhos, ela continua “[...] cantando, dançando, criando, amando, brincando, trabalhando, transgredindo tabus etc” (GOLDENBERG, 2017, p. 11).

Como podemos observar, anteriormente, as duas narrativas orais da Matintaperera nos revelam histórias de mulheres velhas que não são seres repugnantes e assustadores que realizam o mal, fazendo alusão às bruxas europeias, mas que trazem uma nova tradução da velhice feminina, pois elas se tratam de velhas agitadas, animadas e que valorizam o contato com o outro.

As velhas dos contos ifnopapianos não sentem vergonha de seus corpos envelhecidos, mas os revelam, sem medo, sem tabu, o que traz reflexões importantes em relação a velhice e a sexualidade. Além disso, notamos nos contos que as idosas não querem apenas estar apenas com pessoas da idade delas, mas querem conversas com outras velhas e também com jovens, adolescentes e crianças para trocar experiências, pois elas têm muito o que falar e ensinar, comprovando assim que a velhice não interfere nas relações sociais e na sexualidade, não querem também ficar “presas” em casa, mas sair, viajar, passear, namorar e se divertir.

Conhecer essas histórias de Matintapereras, representadas por mulheres velhas é importante, pois nos revelam um novo olhar sobre a velhice feminina, para não cairmos nos erros de acharmos que as velhas de hoje (século XXI) são as mesmas de outrora, isso está mudando, pois elas não estão em cavernas, não estão “trancadas” em casa. Elas são de uma nova geração que, segundo Goldenberg (2017), modificou comportamentos e conceitos, que tornou a sexualidade natural e prazerosa, que criou variados arranjos amorosos e conjugais, que legitimou modernas formas de família e que expandiu as chances de ser mãe, pai, avô e avó.

Considerações finais

Este artigo objetivou refletir sobre o envelhecimento feminino em narrativas da Matintaperera, recolhidas pelo IFNOPAP. Para tanto tivemos com referencial teórico os estudos de Beauvoir (2018), Mucida (2018), Goldenberg (2008), (2017), Zimerman (2007), Viana (2013), Vieira (2007), Salgado (2002), entre outros.

Consideramos ter alcançado nosso objetivo geral, uma vez que apresentamos a análise literária de dois contos da Matintaperera, da coletânea *Abaetetuba conta...* que revelaram uma nova tradução da mulher na velhice, que não vem repleta de preconceitos e nem de estereótipos, mas de novidade, contemporaneidade e liberdade, uma vez que elas são descritas como mulheres comuns, como todos nós, capazes de se apaixonar, de encantar as pessoas, sentir desejos e que não vivem isoladas, mas que apreciam o contato com o Outro.

Nesta pesquisa fizemos importantes reflexões sobre a aproximação que se estabeleceu historicamente e culturalmente entre a velhice e a bruxa, trazendo o pensamento de Beauvoir (2018), os estudos de Viana (2013) e Vieira (2007) sobre a representação de mulher velha no período de transição entre o mundo medieval para o moderno, bem como as contribuições teóricas de Carvalho (2013) sobre a noção que temos hoje de bruxaria. Além disso, também discorremos sobre relação entre a velhice, a bruxa e Matintaperera, apresentando as definições da personagem.

Acreditamos que esta pesquisa trará importantes contribuições ao estudo da velhice feminina, pois em nossas investigações nos Repositórios Institucionais on-line das renomadas Universidades verificamos que existem pouquíssimos trabalhos sobre esse tema na área de Ciências Humanas, sobretudo, nos Cursos de Doutorado em Letras (Literatura) e essa carência acaba se tornando algo extremamente preocupante, pois nos impede de desenvolvermos nossa função social, enquanto literários que é o de humanizar os sujeitos através dos textos literários, conforme afirma Antônio Candido (1989). Desse modo, este estudo, além de nos ajudar a desenvolvermos nossa função social enquanto literários nos possibilitará entendermos a mulher velha para além de suas representações físicas, dado que o envelhecer não pressupõe apenas mudanças corporais, mas também psicológicas, sociais, econômicas, políticas e culturais.

Referências

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; CARLOS, Karolyna Pessoa Teixeira. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, p. 218-237, 2018.



BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BERSAN, Pedro Nery. Cirurgião plástico do Hospital Madre Teresa e membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. **Estado de Minas**, postado em: 29/11/2019, às 04:00. Disponível: <https://www.em.com.br/app/noticia/opiniao/2019/11/29/interna_opiniao,1104534/cirurgia-plastica-responsavel.shtml>. Acesso em: 11 de abril de 2021.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In. FESTER, A. C. R. (Org.). **Direitos humanos e Literatura...** São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Camila Fernanda de Sousa. Bruxa: da construção de um personagem à desmistificação do sujeito. **Anais da Semana de História do CPTL/UFMS**, 2013.

CARVALHO, Nazaré Cristina. Caleidoscópio do imaginário ribeirinho amazônico. Revista Instrumento. **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora**, v. 16, n. 2, p. 221-230, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CESIDIO, M. H.; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade (Impresso)**, v. 7(2), p. 455-481, 2007.

COSTA, Jairo. **Amazônia Fantástica**: os mais extraordinários mitos, lendas e mistérios da grande floresta. 1. ed. São Paulo: bamboo Editorial, 2013.

FARES, Josebel Akel. **Imagens da mitopoética amazônica**: um memorial das matintas pereras. 1997. 180 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Mestrado Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas**: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GUIMARÃES, Elzimar Campos. Reflexão sobre a velhice. **Revista CES**, v. 21, p. 11-23, Juiz de Fora, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. 2 ed. Barcelona: Laertes, 1996.

LESNOFF-CARAVAGLIA, Gari. **The World of the Older Woman**. New York: Human Sciences, 1984.



MUCIDA, Angela. **O sujeito na envelhece**: psicanálise e velhice. 2. ed. rev. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

RIBEIRO, António Pedro Freire (2007). **Imagens de velhice em profissionais que trabalham com idosos**. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Geriatria e Gerontologia. Universidade de Aveiro, Secção Autónoma de Ciências da Saúde: Aveiro.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. MULHER IDOSA: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 4, pp. 7-19, 2002.

SANTOS, Dina Isabel Francisco Alberto. (2008 a) **As Vivências do Cuidador Informal na Prestação de Cuidados ao Idoso Dependente Um Estudo no Concelho da Lourinhã**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Saúde. Universidade Aberta: Lisboa.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão; GOLDBERGER, Christophe. (Org.). **Belém conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995b.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão; GOLDBERGER, Christophe. (Org.). **Abaetetuba conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995c.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão (Org.). **Bragança conta...** Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 2016d.

SILVA JÚNIOR, Fernando Alves da. **Representação feminina no mito da matintaperera em Taperapu Campo, Bragança (PA)**. 2014. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, PPGLS, UFPA, Bragança, PA.

SOUZA, Laura de Melo e. **A feitiçaria na Europa Moderna**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.

VIANA, Geysa Novais. **As bruxas no Malleus Maleficarum**: caracteres, práticas e poderes demoníacos, 2013. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/AS-BRUXAS-NO-MALLEUS-MALEFICARUM.pdf>>. Acesso em 10 ago. 2020.

VIEIRA, Bruno César Ferreira. Bruxaria e Feminismo. Uma análise da independência da mulher através dos seriados de TV. In: **Anais do XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura-Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural**. Ilhéus, 2007.

ZIMMERMAN, Guite. **Velhice**: aspectos biopsicossociais [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2007.

[Recebido: 16 abr 21 - Aceito: 16 mai 21]

